

seudinheiro®

ONDE

INVESTIR 2025



Realização

seudinheiro®

Apoio

MONEY TIMES

Oferecimento





Em busca das melhores oportunidades para o seu bolso

Caro leitor,

O ano de 2025 promete ser desafiador para os investidores brasileiros. Não dá para negar: há muito pessimismo no mercado.

A taxa básica de juros em alta, com perspectiva de fechar o ano em 15%, reduz a atratividade dos ativos de risco e torna a renda fixa cada vez mais interessante, sobretudo a mais conservadora.

Já temos aí um indicativo de caminho para o investidor neste ano. Mas, para além da renda fixa indexada ao CDI, onde mais encontramos oportunidades? Como se proteger do cenário potencialmente adverso e o que comprar para realmente ganhar dinheiro, acima da inflação cada vez mais alta e do juro básico elevado?

No Seu Dinheiro, já era tradição publicarmos, em janeiro, uma série de reportagens sobre onde investir no ano que se inicia em cada uma das principais classes de ativos — renda fixa, ações, fundos imobiliários, criptomoedas e investimentos no exterior para a parte dolarizada da carteira.

Mas, nesta “temporada” 2025, resolvemos fazer algo diferente: nosso primeiro evento, desta vez em parceria com o Money Times, site pertencente ao mesmo grupo empresarial do Seu Dinheiro.

O evento online Onde Investir 2025 foi ao ar no canal de YouTube do SD, onde os vídeos dos sete painéis exibidos continuam disponíveis para quem quiser acompanhar.

Convidamos verdadeiros “feras” do mercado para traçar um panorama do que esperar para a economia, os mercados e as diferentes classes de ativos em 2025. Eles também foram estimulados a recomendar os ativos que julgam mais promissores neste ano.

Mas não nos afastamos das nossas raízes. Com base em cada episódio, publicamos uma reportagem completa com as recomendações dos nossos painelistas, reunidas integralmente neste e-book. Esperamos que goste!

Bons investimentos!

SUMÁRIO

Cenário Macro	4
Renda Fixa	11
Fundos imobiliários	17
Ações e dividendos	23
Criptomoedas	29
Investimentos Internacionais	33

CENÁRIO MACRO

Inflação a 10% e dólar a R\$ 10? O que pode salvar a economia enquanto o mercado se prepara para o pior

Bruno Funchal, CEO da Bradesco Asset, e Felipe Miranda, fundador e estrategista-chefe da Empiricus, revelam os riscos e oportunidades para o investidor neste ano

A Universidade de Oxford mantém há décadas a tradição de eleger a “palavra do ano” da língua inglesa. Em 2024, o termo escolhido foi brainrot, expressão registrada pela primeira vez no século 19 e agora ressignificada para abordar as preocupações com o consumo excessivo de informações de baixa qualidade na internet. Se a tradição oxfordiana fosse adotada pelo **mercado financeiro** brasileiro, embora **2025** tenha acabado de começar, a palavra do ano em português já estaria escolhida: “pessimismo”.

O **cenário macroeconômico** anda tão nebuloso que muitos economistas já começam a considerar a probabilidade de realização dos chamados “riscos de cauda” para o **Brasil**.

O **estrategista-chefe e fundador da Empiricus, Felipe Miranda**, por exemplo, não descarta a possibilidade de o **dólar** bater nos R\$ 10, com **inflação** anual a 10% e **economia** em **recessão** até o fim de 2025.

Isso, vale ponderar, no caso de concretização do pior cenário possível, que envolveria o **governo Lula** “pisar na tábua” e ampliar os gastos públicos na reta final do mandato.



“Historicamente ele [Lula] teve momentos de muito pragmatismo e outros em que foi um militante de esquerda. Minha grande dúvida em relação a isso é o que ele vai fazer quando bater na popularidade”, disse Miranda.

Bruno Funchal, CEO da Bradesco Asset Management e ex-secretário do Tesouro Nacional, talvez não esteja tão pessimista, mas também aponta o **risco fiscal** como o principal fator de mobilização da economia e dos mercados ao longo do ano.

Para além da queda de braço entre governo e mercado em relação à crise fiscal por aqui, também pesará sobre os ativos brasileiros o retorno de **Donald Trump à Casa Branca**.

Janeiro ainda está no meio e muita coisa ainda pode acontecer até o fim de 2025, mas Miranda e Funchal antecipam mais um ano de **juros** altos e sem nenhum **IPO** na **bolsa** brasileira.

Nesse cenário, a **renda fixa** deve mais uma vez ter a preferência nas carteiras, mas isso não significa que seja hora de deixar completamente o **mercado de ações**.

Isso porque nenhum deles descarta que em algum momento a situação melhore ao longo do ano, seja por um avanço em relação à pauta fiscal pelo governo ou mesmo pela tradicional tendência do mercado em antecipar tendências — no caso, a da sucessão presidencial em 2026.

Essas são algumas das — mas não as únicas — conclusões do painel sobre o cenário macroeconômico do evento **Onde Investir 2025**, promovido pelo **Seu Dinheiro**, e mediado pelo jornalista **Vinícius Pinheiro**, diretor dos portais Seu Dinheiro e **Money Times**.

Donald Trump só ladra ou também morde?

Prestes a assumir a Casa Branca para um novo mandato, Donald Trump caprichou na retórica beligerante ao longo da campanha. Isso não é exatamente novidade.

A questão está em como as promessas de impor barreiras tarifárias, deportar imigrantes e desregulamentar a economia vão afetar os indicadores norte-americanos.

Esse “tripé” foi amplamente vocalizado por Trump e transmite algumas mensagens, disse Funchal.

 **“Você tem um movimento claro de dar mais liberdade para as empresas em termos regulatórios. Isso traz mais liberdade para as empresas e tende a ser positivo, por exemplo, para a bolsa”,** afirma ele.

Em contrapartida, as barreiras tarifárias e uma possível deportação em massa de imigrantes ilegais teriam efeitos inflacionários.

 **“Com muita barreira tarifária, as importações acabam ficando mais caras e elas abrangem insumos relevantes para a produção”,** diz o CEO da Bradesco Asset.

 **“Isso é inflacionário, da mesma forma que se você deportar muita gente, vai ter menos gente ofertando trabalho”,** afirma Funchal.

Se as ameaças de campanha se cumprirem, elas afetarão não apenas a inflação ao consumidor, mas também a taxa terminal de juros nos **EUA**. E taxas mais altas na maior economia do planeta representam menos recursos circulando nos demais mercados.

De qualquer modo, é preciso ponderar o que é narrativa **política**, para ganhar **eleição**, e o que é execução. Na visão de Funchal, Trump não cumprirá totalmente as ameaças.

 **“Vai ser alguma solução intermediária, talvez como um elemento de barganha”,** acredita ele.

Brasil é alvo de Trump, mas pode se beneficiar de ameaças

Depois de reeleito, Trump acionou uma metralhadora giratória de ameaças.

O novo presidente dos EUA manifestou a intenção de anexar o Canadá e a Groenlândia e de recolocar o Canal do Panamá sob o controle de Washington.

Em relação às tarifas, qualquer país com superávit comercial com os **Estados Unidos** parece ter entrado na mira.

Parte dos **Brics**, o **Brasil** foi nominalmente citado como um dos possíveis alvos de barreiras comerciais.

 **“Nesse momento a gente está justamente testando as águas para ver o que é ruído e o que é sinalização”**, afirma Felipe Miranda, estrategista-chefe e fundador da Empiricus.

 **“Ninguém imagina que ele vai entrar em guerra com o Canadá para pegar parte do território, essas coisas meio amalucadas”**, diz ele.

De qualquer modo, a ameaça de tarifas mais altas para exportar para os EUA não é o único risco para o Brasil.

A ascensão de Trump coincide com uma guinada à direita em diversas democracias ocidentais, o que Miranda identifica como um novo “espírito do tempo”.

Mas não é só. **“Também tem uma questão de relações pessoais”**, afirma Miranda, em alusão às afinidades entre Trump e o presidente da Argentina, Javier Milei, e ao distanciamento de Lula em relação ao norte-americano.

 **“Quando você tem um Milei muito próximo ideologicamente e o nosso presidente mais afastado, isso dificulta um pouquinho”** explica o estrategista-chefe da Empiricus.

Ele pondera que existam acordos bilaterais e relações empresariais que mantêm o Brasil no jogo, mas o retorno de Trump à Casa Branca torna o ambiente um pouco mais desafiador para países emergentes em geral e para o Brasil especificamente.

Expostos todos os poréns, talvez seja possível encontrar um copo meio cheio em meio a essa reconfiguração de poder no cenário internacional, segundo Miranda.

Supondo que Trump imponha barreiras comerciais à **China**, e Pequim decida retaliar os Estados Unidos taxando produtos agrícolas, os chineses vão precisar da soja brasileira, exemplifica.

 **“Então você poderia, de alguma forma, ter uma uma melhora para o Brasil via China”**, diz Miranda.

A Faria Lima vai encontrar o Largo da Batata?

As visões do mercado financeiro e de outros setores da sociedade em relação à economia real muitas vezes destoam. Na história recente do Brasil, entretanto, esse descompasso poucas vezes se mostrou tão dispar.

Mesmo com uma taxa de juros de dois dígitos, o Brasil caminha para fechar 2024 com um crescimento do **PIB** superior a 3%.

A taxa de desemprego vem renovando mês após mês as mínimas da série histórica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (**IBGE**).

A inflação acumulada em 12 meses, embora tenha fechado o ano passado fora da meta, encontra-se muito longe dos níveis que assombraram gerações e mais gerações de brasileiros antes da implementação do Plano Real.

Na visão do mercado financeiro, entretanto, o desequilíbrio fiscal estaria colocando o país diante de uma recessão iminente. Isso se reflete no dólar acima dos R\$ 6 e na pressão por mais juros por parte dos agentes de mercado.

Por que isso acontece?

Bruno Funchal chama a atenção para o fato de que, ao analisar um indicador econômico, você está olhando para trás. **“Já o preço é de hoje para a frente”**, afirma.

Para Felipe Miranda, **“o mercado vê o filme, não a foto, pois está sempre tentando antecipar”**.

Isso porque, no geral, as informações disponíveis já estão embutidas nos preços dos ativos.



“Importa para a gente o que vai acontecer. A incerteza está no futuro. Quem antecipa melhor o futuro ganha mais dinheiro. No fundo é esse o jogo”, afirma.

Em meio às discrepâncias de visão, Felipe Miranda acredita que a **Faria Lima** (atual centro financeiro de São Paulo) em algum momento vai encontrar o **Largo da Batata** (antigo marco inicial da avenida conhecido pelo comércio popular).

Trata-se de uma adaptação da alusão à interdependência entre a Wall Street e a Main Street, como dizem os gringos, ou o mercado financeiro e a economia real.

O problema é que esta não é exatamente uma boa notícia.

Na visão de Miranda, o crescimento do PIB se deve em grande medida à injeção de dinheiro do governo na economia.



“Você faz muita transferência, você gasta, você cresce. Acho que a dúvida do mercado é justamente essa. O modelo que está aí não vai parar em pé. Se ficar dando estímulo à demanda numa economia que cresce acima do potencial, em algum momento você vai ter inflação e déficit em conta corrente”, afirma ele.

Desconfiança a perder de vista

O pacote fiscal apresentado pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, no fim do ano passado mostrou-se insuficiente para aplacar a desconfiança do mercado em relação ao governo.

Para Bruno Funchal, isso ocorreu porque, na visão do mercado, o pacote fiscal trouxe mais riscos, e não menos.

Isso se deveu principalmente ao anúncio não apenas dos cortes de gastos, mas também de uma proposta de isenção de imposto de renda para quem ganha até R\$ 5 mil por mês.

Já é sabido que a medida — uma promessa de campanha de Lula — não poderá ser implementada em 2025, mas ela segue no radar dos investidores.

De todo modo, essa não é a maior preocupação dos economistas no momento. A visão é de que os cortes de gastos serão insuficientes para deter a trajetória de alta da dívida.

Trata-se de uma situação capaz de levar a um ciclo vicioso de mais juros para deter a inflação, dólar em alta e inibição da atividade econômica, afetando diretamente investimentos e consumo, segundo Funchal, que esteve à frente do Tesouro Nacional entre julho de 2020 e maio de 2021.

Dólar a R\$ 10 e inflação a 10%?

Caso seja percebido um esforço do governo para controlar os gastos, é possível que a situação melhore em algum momento.

O alerta de Miranda é que uma deterioração da situação econômica teria o potencial de atingir em cheio a popularidade de Lula às vésperas de um novo ciclo eleitoral.

 **“Se ele colocar o pé na tábua [dos gastos] o dólar vai R\$ 10 e a inflação vai a 10%”, afirma.**

Miranda pondera que o cenário mencionado por ele é alternativo, mas a persistência das incertezas fiscais vem tornando cada vez menos improvável a preponderância dos chamados “riscos de cauda”.

Vale ainda citar que nem Funchal nem Miranda antecipam algum possível solavanco por causa da saída de Roberto Campos Neto e pela chegada de Gabriel Galípolo à presidência do Banco Central.

O que pode tirar de cena o pessimismo

O mercado financeiro entra em 2025 com “pessimismo” como palavra do ano.

Esse pessimismo vigora em um momento no qual os ativos financeiros brasileiros são considerados baratos.

Não é porque está barato que não pode ficar mais barato ainda, diz Felipe Miranda.

De um lado, essa situação abre oportunidades na bolsa, embora seja preciso escolher com cuidado o que comprar.

De outro, existe ainda a possibilidade de a situação mudar. Isso dependeria, em grande medida, de Haddad convencer o mercado quanto à sustentabilidade do arcabouço fiscal ou anunciar novas medidas de controle dos gastos.

Bruno Funchal também considera factível um avanço na reforma do imposto de renda. Calcula-se que uma eventual isenção a quem ganha até R\$ 5 mil resultaria na perda de R\$ 50 bilhões em arrecadação. O primeiro passo, portanto, seria encontrar uma solução para isso.

 **“O risco de tramitação é muito elevado. Isso todo mundo sabe, mas é o normal”**, afirma Funchal.

Segundo ele, o governo teria duas opções: jogar essa pauta mais para a frente, quando tiver realmente condições de aprová-la, ou então implementar medidas que neutralizem essa perda.

E talvez nem fosse necessário falar em aumento de impostos na outra ponta.

Felipe Miranda sugere a Lula que tire proveito da discussão vigente no mundo em torno da eficiência e encampar o combate aos supersalários vigentes em algumas áreas do funcionalismo público brasileiro.

 **“Noventa e três por cento da magistratura brasileira ganha acima do teto constitucional. Noventa e um por cento do Ministério Público ganha acima do teto constitucional”**, exemplifica.

Atualmente, o teto salarial estabelecido para agentes públicos, segundo a Constituição, é de R\$ 44 mil.

Na visão de Miranda, essa seria uma boa saída para Lula.

 **“É uma pauta difícil. Vai ter resistência, lobby contrário e tal, mas a gente precisa ir para uma reforma administrativa que pode ser tratada como uma pauta de esquerda, porque é combate a privilégios.”**

Na ponta oposta, uma deterioração ainda maior da situação atual também teria o potencial de provocar uma guinada na bolsa.

Para Felipe Miranda, isso ocorreria se a crise antecipada pelo mercado se materializasse, afetando a popularidade de Lula e favorecendo alguma candidatura considerada mais amigável pelos agentes de mercado.

De 2026 não passa

 **Felipe Miranda considera que a situação pode melhorar se Lula ajustar a rota nos próximos meses. “Daqui a 12 meses a gente vai estar discutindo uma troca de ciclo político. O mundo todo tá indo para a direita”,** afirma ele.

Caso o governo “enfie o pé na tábua”, Felipe Miranda prevê que o governo “vai contratar uma crise” para 2026 e o mercado vai antecipar a possibilidade de Lula perder.

Nesse caso, o mercado anteciparia “não apenas 2026, mas todo um ciclo reformista” de quatro anos ou mais.

 **“Eu acho que 2025 ainda pode ser um ano bom. Se não for bom, 2026 vai ser espetacular, com muito tiro, porrada e bomba, mas no final vai dar bom.”**

Onde investir em 2025

De qualquer modo, o mercado de ações passa longe das principais recomendações dos analistas de mercado para 2025.

O motivo principal é o atual nível dos juros. A taxa Selic entrou em 2025 a 12,25% ao ano e, segundo as projeções de mercado, tende a chegar a dezembro ao redor dos 15%.

“Este é um ano de juro alto”, afirma o CEO da Bradesco Asset, Bruno Funchal. **“Tem que tomar muito risco”** no mercado para bater a Selic.

Para lidar com essa situação, ele recomenda títulos com taxas pós-fixadas ou então atrelados à inflação, mas com vencimento de curto prazo.

 **“Algum investimento que olhe para fora, para uma bolsa lá fora, eu acho que é interessante também”,** diz Funchal, enfatizando a importância da diversificação.

Felipe Miranda também propõe uma postura pragmática.

 **“Tem que ter uma posição grande de pós-fixado, para você não levantar da cadeira e ganhar 14%, 15%, essa aberração brasileira”,** afirma ele.

Quanto à diversificação, Miranda sugere alguma posição em bolsa norte-americana, além de buscar um pouco de proteção no ouro e uma posição pequena, coisa de 1%, em criptomoedas.

RENDA FIXA

O ano da renda fixa? Onde estão as oportunidades (e os riscos) no Tesouro Direto e no crédito privado com a Selic em alta

Com risco fiscal elevado e cenário externo desfavorável, 2025 exige conservadorismo e proteção contra a inflação; saiba quais títulos públicos e privados comprar

O ano de 2024 foi marcado pela alta dos juros, do dólar e do risco fiscal, o que pesou sobre os ativos de risco e levou os investidores a migrarem em peso para a **renda fixa**, sobretudo a mais conservadora.

Se o ano passado começou com a expectativa de cortes da **Selic** até a casa de um dígito, terminou com a taxa básica em 12,25% e a perspectiva de novas altas neste ano até 15% — ou mais, na visão dos mais pessimistas.

O aumento do risco fiscal, o crescimento econômico acima do esperado, o fortalecimento do dólar em nível global e um cenário externo desfavorável para países emergentes pressionam a inflação brasileira, exigem novas altas de juros pelo Banco Central e contratam mais um ano de pessimismo pela frente.

A renda fixa, portanto, deve continuar sendo beneficiada, embora talvez não exatamente da mesma maneira. Então como investir em renda fixa em 2025 e onde estarão as oportunidades em títulos públicos e privados diante de retornos (e riscos) mais altos?

Durante o evento especial **Onde Investir em 2025**, organizado pelo Seu Dinheiro em parceria com o Money Times, a editora-chefe do SD, Julia Wiltgen, entrevistou Ulisses Nehmi, CEO da Sparta; Roberto Elaiuy, gestor de renda fixa da Kinea; e Christiano Clemente, CIO do Santander Private Banking, para discutir os títulos de renda fixa mais promissores para 2025.

Para os especialistas entrevistados no Onde Investir 2025, a alta da Selic e o cenário econômico desafiador, marcado pelo risco fiscal e incertezas globais, devem favorecer a renda fixa **pós-fixada e títulos indexados à inflação**, especialmente os de prazos mais curtos (vencimentos de até cinco anos).

Também estão entre as sugestões os **fundos multimercados**, que podem ganhar com a alta da Selic, além de serem capazes de explorar oportunidades fora do mercado brasileiro; e, no mercado de crédito privado, as **debêntures incentivadas** de empresas do setor de infraestrutura e isentas de IR.

Em relação à alocação, a recomendação predominante é de **cautela** e foco na preservação de capital, considerando a dívida pública brasileira como um fator de risco e incerteza.

A renda fixa em 2024

A expectativa de uma Selic de um dígito em 2024 começou a cair por terra quando o **Federal Reserve**, banco central dos Estados Unidos, sinalizou que seu ciclo de afrouxamento monetário seria mais lento e menos intenso do que o esperado.

Além disso, preocupações com a inflação local e o fortalecimento global do dólar, junto com a atividade econômica brasileira aquecida e turbinada pelos gastos públicos, levaram o Banco Central a voltar a aumentar os juros.

O governo também se viu pressionado a cortar gastos, mas o pacote anunciado em novembro foi visto como insuficiente para garantir o equilíbrio fiscal, sem contar a recepção negativa do anúncio da futura [isenção de Imposto de Renda](#) para quem ganha até R\$ 5 mil por mês. 

A vitória de **Donald Trump** nas eleições presidenciais nos Estados Unidos contribuiu para conter ainda mais a expectativa de afrouxamento monetário na Terra do Tio Sam, levando para cima os juros dos títulos do Tesouro americano e fortalecendo o dólar ainda mais.

As promessas do republicano são vistas como inflacionárias — por um lado, com estímulo à atividade econômica a partir de cortes de impostos e desregulamentação da economia; por outro, por pressões sobre os preços advindas da possível imposição de tarifas a importações e de medidas anti-imigração. Isso sem contar a dívida americana crescente e sem perspectivas de ser endereçada com uma efetiva contenção de gastos.

Ao mesmo tempo, o real se desvalorizou diante do elevado risco fiscal doméstico, resultando em um aumento das estimativas de inflação no Brasil e na disparada nos juros futuros por aqui. Como consequência, o dólar bateu [máximas históricas](#) ante o real no fim do ano, e a inflação fechou 2024 acima da meta. 

Diante desse quadro, os **investimentos de renda fixa pós-fixados** se destacaram. Indexados à Selic ou ao CDI e mais conservadores, [eles se beneficiam dos juros em alta](#) e funcionam como porto seguro em momentos de aversão a risco. 

Já os **títulos prefixados e indexados ao IPCA** tiveram desempenho negativo devido ao aumento dos juros futuros. Isso porque a elevação das taxas de mercado aumenta o retorno esperado desses papéis, mas desvaloriza seus preços.

Os **títulos de crédito privado** (emitidos por empresas e projetos privados) se destacaram com a demanda impulsionada por mudanças regulatórias e o mau desempenho da bolsa brasileira.

No ano passado, foram mais de R\$ 600 bilhões em emissões de crédito privado, um aumento de 54% em relação ao ano anterior, com destaque para as debêntures incentivadas de infraestrutura, aquelas isentas de imposto de renda.

2025 será o ano da renda fixa?

Com o cenário externo adverso e o governo sem dar sinais, ao menos por enquanto, de que anunciará novas medidas de contenção de gastos, o câmbio deve continuar depreciado em 2025, mantendo a inflação pressionada e exigindo novas altas de juros.

Estas, por sua vez, tendem a desaquecer a economia, mas a expectativa dos economistas de mercado é de que o ano termine ainda com o **IPCA** acima do teto da meta, que hoje é de 4,5%. Segundo o último Boletim Focus do Banco Central, a inflação oficial em 2025 é estimada em 5%.

Diante do cenário econômico adverso esperado para 2025, a renda fixa deve continuar sendo uma excelente opção para os investidores brasileiros, na visão de **Ulisses Nehmi, CEO da Sparta**, gestora especializada nessa classe de ativos.

“Eu sempre acho que tem espaço para muita renda fixa na carteira dos brasileiros. Em especial, estamos em um cenário com taxas muito favoráveis”, disse, referindo-se à Selic elevada e aos altos retornos reais (acima da inflação) pagos atualmente pelos títulos indexados ao IPCA.

Nehmi lembra que os retornos atuais dos títulos públicos Tesouro IPCA+, acima de 7% ao ano + IPCA, superam até mesmo as taxas da época que precedeu o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff.

Christiano Clemente, CIO do Santander Private Banking, lembra que taxas elevadas assim representam também que há um risco mais alto associado ao ativo — no caso dos títulos públicos, os retornos elevados refletem o risco fiscal aumentado. Mas ressalta que a carteira da instituição tem de 75% a 80% em renda fixa, atualmente.

Já **Roberto Elaiuy, gestor de renda fixa da Kinea**, se mostra bastante cauteloso com o cenário para 2025, até mesmo para a renda fixa. Na visão da casa, a Selic ao fim do ciclo de alta deve chegar a 15% ou 15,5%, e a inflação deve ser superior ao consenso do mercado.

Onde investir no Tesouro Direto em 2025

Em razão disso, a preferência de Elaiuy são os **investimentos pós-fixados**, aqueles indexados à Selic ou ao **CDI**. No **Tesouro Direto**, trata-se do título Tesouro Selic, que tem baixa volatilidade e cujo desempenho segue a trajetória da taxa básica de juros, beneficiando-se em ciclos de alta da Selic.

Para o gestor da Kinea, o esforço necessário para o governo equilibrar a dívida pública hoje é muito maior que o demandado em outros momentos críticos do cenário fiscal brasileiro, como durante a crise do governo Dilma. **“Por isso, acreditamos que estamos longe de um ponto de virada, no qual seja possível perceber uma melhora”**, disse.

Assim, apesar das remunerações atrativas dos títulos prefixados e indexados à inflação, a Kinea prefere negociar esses papéis apenas para fazer alocações pontuais e de curto prazo, quando há algum exagero no mercado. Isso porque “existe espaço para piorar” e as taxas abrirem ainda mais, o que traria desvalorizações adicionais a esses ativos.

Por esta razão Elaiuy também recomenda o investimento em **fundos multimercados**, que podem se beneficiar da Selic em alta e desses investimentos pontuais, além de, em muitos casos, poderem investir em ativos de outros países, aproveitando melhores oportunidades globais do que aquelas oferecidas no cenário doméstico neste ano.

Christiano Clemente, do Santander, e Ulisses Nehmi, da Sparta, também gostam dos pós-fixados, especialmente para o investidor mais avesso à volatilidade. **“Hoje o investidor é regamente remunerado para não tomar risco”**, diz Nehmi.

No entanto, ambos consideram atrativas as taxas hoje pagas pelos **títulos indexados à inflação**, além de ressaltarem a importância de o investidor proteger seu poder de compra num cenário de pressão sobre os índices de preços.

No Tesouro Direto, o título indexado à inflação é o **Tesouro IPCA+ (NTN-B)**, cujos rendimentos são compostos por uma taxa fixa mais a variação do **IPCA**.

Para Clemente, embora as remunerações atuais desses títulos estejam similares às da crise do governo Dilma, o momento hoje é menos complexo, dado que a inflação, naquela época, era bem mais elevada.

Ele lembra que esses papéis funcionam como um seguro para quem acha que a política monetária pode não ser bem-sucedida em conter o IPCA, embora este não seja o seu cenário-base.

Em termos de vencimentos, Clemente recomenda um prazo médio de carteira de quatro a cinco anos, visão similar à de Nehmi. O CEO da Sparta diz gostar dos títulos indexados à inflação de vencimentos mais curtos, tendo aumentado o prazo médio das carteiras da gestora que investem nesse título de ativo de dois para três anos.

Os papéis curtos têm volatilidade menor que os de longo prazo, mas mesmo assim têm pago taxas atrativas, próximas de IPCA + 8%, defende. **“Nesses níveis, a gente não precisa ser tão receoso assim com volatilidade”**, diz Nehmi que se diz **“bem confortável em tomar esse risco”**, que hoje se configura mais como oportunidade.

Hoje, o título Tesouro IPCA+ mais curto disponível no Tesouro Direto é aquele com vencimento em 2029 (quatro anos), mas é possível adquirir papéis ainda mais curtos no mercado secundário, via mesa de operações da sua corretora.

O investidor também pode optar por “fundos de inflação”, também conhecidos como “fundos IMA-B”. Eles são indexados ao IMA-B 5, índice que acompanha o desempenho de uma cesta de Tesouro IPCA+ com prazo médio inferior a cinco anos.

Vale a pena investir em crédito privado em 2025?

Os títulos de crédito privado — **debêntures, Certificados de Recebíveis Imobiliários (CRIs) e Certificados de Recebíveis do Agronegócio (CRAs)** — estiveram entre as estrelas da renda fixa no ano passado.

As taxas gordas, a isenção de IR de boa parte desses ativos, o mau momento da bolsa e a mudança nas regras de CRIs, CRAs, LCIs e LCAs impulsionaram a demanda por esses ativos, levando a uma forte compressão dos *spreads*, sobretudo das debêntures incentivadas, os quais fecharam nas mínimas do ano.

Os *spreads* são os retornos acima da rentabilidade dos títulos públicos de prazo e indexador semelhante, isto é, o prêmio que os títulos privados pagam pelo risco de crédito do emissor em relação aos papéis emitidos pelo governo.

A demanda forte tende a derrubar essas taxas e valorizar esses papéis, pois com muitos investidores em busca desses ativos, eles aceitam receber menos.

Diante disso, ainda há oportunidades no mercado de crédito privado? Para Ulisses Nehmi, da Sparta, sim, mas é preciso ser mais seletivo, dando-se preferência aos chamados emissores **high grade**, isto é, bons pagadores com baixo risco de crédito.

O gestor vê as melhores oportunidades para a pessoa física no setor de **infraestrutura**, justamente entre as **debêntures incentivadas** e apesar do fechamento das taxas, pois a isenção de IR faz com que seu retorno ainda valha a pena ante a rentabilidade dos títulos públicos.



“O setor de infraestrutura é um porto seguro, porque as empresas captam recursos com taxas prefixadas, e por isso a alta da Selic afeta menos”, disse.

Nehmi destaca as debêntures incentivadas não hedgeadas, isto é, sem troca de indexador da remuneração do IPCA para o CDI. O CEO da Sparta acredita que as hedgeadas sim estão com *spreads* comprimidos demais, e podem vir a ter um retorno pior caso o cenário comece a melhorar.

Além da compra direta de debêntures incentivadas, o investidor pode optar também pelos fundos que investem nesse tipo de papel. Nehmi chama atenção para os FI-Infras, com cotas negociadas em bolsa e também isentos de IR. Segundo o CEO da Sparta, alguns têm sido negociados com desconto.

No caso das debêntures não isentas de IR, o gestor lembra que seus *spreads* abriram em 2024, terminando o ano em patamar superior ao do final de 2023, o que para ele tem a ver com a piora do cenário macro e o aumento do risco das empresas emissoras.

Uma alta dos retornos dos títulos, neste caso, guarda relação com uma piora na saúde financeira dos emissores ante uma Selic mais alta, que resulta num custo financeiro mais elevado para os negócios e um desempenho pior diante de uma desaceleração econômica.

Um ano para esquecer os títulos “high yield”

Com esse cenário mais desafiador, a recomendação **é evitar os emissores high yield**, aqueles que têm maior risco de crédito e, portanto, pagam retornos elevados para os investidores que compram seus títulos de dívida.

Esses emissores são mais sensíveis às oscilações da economia, podendo estar mais alavancados ou então expostos a setores mais cíclicos.

“Às vezes, um título que paga inflação + 8% é melhor do que um que paga inflação + 12%”, disse Christiano Clemente, do Santander, ao destacar que a rentabilidade não é o único critério importante a ser analisado ao se comprar um título privado.

Ele destacou a necessidade de analisar os balanços financeiros das empresas e entender sua capacidade de pagamento, já que esse tipo de investimento não possui a garantia do **Fundo Garantidor de Créditos (FGC)** nem a estabilidade dos títulos públicos.

 **“Eu também não recomendaria alocar mais de 2% do portfólio em crédito privado da mesma companhia”,** afirmou, alertando para o risco associado a uma concentração excessiva.

Por fim, Roberto Elaiuy, da Kinea, se mostra mais cauteloso com o mercado de crédito privado e acredita que o movimento visto em 2024 “já passou”.

Ele conta que, nos fundos da gestora que podem investir nesse tipo de ativo, a alocação foi bastante reduzida por conta do cenário adverso e que só foram mantidos os títulos de “altíssima qualidade” — de emissores de segmentos menos cíclicos e que não devem sofrer com a desaceleração econômica e os juros altos.

 **“Em um cenário de risco crescente, é importante reduzir a exposição ao crédito privado e focar em ativos mais seguros”,** afirmou.

CONTEÚDO EQI INVESTIMENTOS

COMO BUSCAR ACIMA DE 19% AO ANO LÍQUIDOS EM MEIO À ALTA DA SELIC?

Você acabou de conferir os melhores momentos do painel sobre **renda fixa** do “Onde Investir em 2025”, com oferecimento da **EQI Investimentos**.

Agora, se você quiser ter acesso a oportunidades nesta classe de ativos, aqui vai uma boa notícia. A equipe de análise da casa garimpou um investimento que pode **render acima de 19% ao ano líquidos** em meio à alta da **Selic**.

Com essa recomendação, o investidor pode **proteger o patrimônio** ao mesmo tempo em que busca retornos bem acima da inflação.

Para conhecer essa indicação da EQI, basta clicar no botão abaixo e demonstrar o seu interesse. É rápido, fácil e **totalmente gratuito**:

GRATUITO: QUERO CONHECER A OPORTUNIDADE DA EQI



FUNDOS IMOBILIÁRIOS

Alta dos juros abre oportunidades para comprar fundos imobiliários com desconto; veja indicações de FIs para este ano

Caio Araújo, analista da Empiricus Research; Mauro Dahruj, gestor da Hedge Investimentos; e Ricardo Vieira, responsável pelo setor de Real Estate do Pátria, avaliam o cenário para os fundos imobiliários em 2025 e dizem onde investir nesse mercado

Dizem que a paciência é a maior virtude do ser humano. Neste ano, o ditado popular será testado pelos **investidores de fundos imobiliários**. Isso porque o **cenário econômico** no país vem afetando negativamente o desempenho dos **FIs** na **bolsa** e não há perspectivas de mudança na rota, com o [Boletim Focus indicando a taxa Selic a 15% no fim de 2025](#). 

No último ano, o **Ifix**, principal índice de fundos imobiliários no país, acumulou uma queda de 5,89%, derrubado pelo ciclo de alta de **juros**. Porém, para os investidores pacientes, a queda das **cotas** pode representar uma oportunidade única de adquirir ativos de qualidade com desconto – desde que seja avaliado com cautela.

Mas, afinal, como conseguir se proteger da **Selic** e ir atrás de **investimentos** lucrativos no setor imobiliário em 2025?

Durante o evento especial **Onde Investir em 2025**, organizado pelo **Seu Dinheiro** em parceria com o **Money Times**, a jornalista e apresentadora dos portais, Paula Comassetto, entrevistou **Caio Araujo, analista de FIs da Empiricus Research; Mauro Dahruj, gestor da Hedge Investimentos; e Ricardo Vieira, diretor da área de Real Estate do Pátria Investimentos** para discutir o que esperar do setor e os fundos imobiliários mais promissores para 2025.

Carteira de fundos imobiliários para 2025: o que recomendam os especialistas?

Os sinais são claros: o cenário deste ano não é favorável aos fundos imobiliários. Porém, ainda é possível ter ativos na carteira que permitam que os investidores durmam tranquilos.

Segundo **Vieira, diretor do Pátria Investimentos**, com as condições atuais, é possível montar uma boa carteira diversificada com o que tem de mais óbvio no mercado.



“O investidor não precisa inventar. Não precisa encontrar a próxima ‘small cap’ dentro do mercado de FIs. Essa é a recomendação para quando o mercado está caro”, afirma.

Assim, ele indica que a principal estratégia para os FIs é garantir a diversificação, qualidade e liquidez dos ativos.

Caio Araujo, da Empiricus Research, também reforça a importância dos três pilares para 2025. Assim, ele indica **fundos de papel** – ou seja, que investem em títulos de renda fixa lastreados em ativos imobiliários – que possuam boas posições em crédito.

Já para os chamados **fundos de tijolo**, que investem em **imóveis** físicos, o foco deve ser os ativos com maior qualidade.

Na visão de Araujo, os principais FIs que incorporam as características acima em 2025 são:

- **Bresco Logística (BRCO11)**: fundo imobiliário de tijolo focado em galpões logísticos. Araujo avalia o FI como um dos portfólios de maior qualidade da categoria. Segundo o gestor, atualmente, o fundo está com desconto interessante em relação ao valor patrimonial da cota, com um **dividend yield** em torno de 10%, e conta com um potencial de ganho de capital. Além disso, ele avalia que o fundo não deve ter grandes oscilações em relação à ocupação (taxa de vacância);
- **Kinea Rendimentos Imobiliários (KNCR11)**: FI do segmento de papel. Araujo destaca que o fundo possui um portfólio *high grade* – ou seja, possui menor risco de crédito – , diversificado, com alta qualidade e pulverizado. Ressalta ainda que a Kinea é reconhecida na gestão de crédito privado e que o fundo possui ativos indexados ao **CDI**, o que considera uma tática importante para 2025, dada a expectativa de alta da taxa básica de juros.

No entanto, **Mauro Dahruj, gestor da Hedge Investimentos**, fala em um setor que ele considera ter sido “um pouco esquecido” pelos investidores: o de **Fundos de Fundos (FoFs)**. O gestor avalia que o segmento combina renda e potencial de valorização. Além disso, ele entende que os preços dos FoFs estão descontados.

Mas afinal, mesmo com a taxa Selic a 12,25% ao ano – e perspectiva de chegar aos 15% ou mais – e a queda de quase 6% do Ifix em 2024, por que os especialistas seguem apostando nos fundos imobiliários?

Adeus, FIs; olá, renda fixa? Não é bem assim...

O analista Caio Araujo resume bem o que o mercado vem esperando para este ano: **“a volatilidade em 2025 está praticamente contratada”**. Porém, isso não é motivo para os investidores fugirem para a renda fixa.

Isso porque, segundo Dahruj, o impacto nas cotas dos fundos imobiliários, por si só, não deveria ser visto como algo ruim. **“Claro que ninguém gosta de ver o seu patrimônio caindo, mas, muitas vezes, a queda da cotação pode ser uma oportunidade, desde que os fundamentos daqueles investimentos permaneçam positivos”**, explica.

Vieira também reforça essa visão e explica que não há uma deterioração dos fundos imobiliários. Ou seja, não está sendo observada, de maneira geral, uma redução no pagamento de aluguéis e nem um aumento de vacância, por exemplo.

Assim, na avaliação dos entrevistados do **Onde Investir 2025**, a queda nas cotas vista no último ano é mais uma reação à reversão rápida do ciclo de juros no ano passado do que uma sinalização de perda de fundamentos.

Vale lembrar que até maio de 2024, o Comitê de Política Monetária vinha realizando cortes na taxa básica de juros no Brasil, que chegou a 10,50% ao ano, na época.

A expectativa era de que a Selic chegasse ao final do ano na casa de um dígito, o que acabou não se concretizando, devido a fatores externos e ao fiscal doméstico.

Além disso, Vieira ressalta que a presença da gestão ativa vem se tornando predominante nos investimentos em fundos imobiliários, o que também fortalece o desempenho dos FIIs.

Segundo essa abordagem, o portfólio é observado e gerenciado de perto, buscando sempre a reciclagem da carteira por meio da compra e venda de ativos para conquistar o aumento dos lucros.

Não é apenas a paciência: a observação também será testada

Observar os ativos de perto: é justamente essa característica que os investidores vão precisar em 2025.

Segundo os especialistas, será preciso acompanhar o quanto a alta da taxa Selic vai afetar o desempenho de cada fundo imobiliário, avaliando se os juros vão gerar um aumento de vacância, inadimplência etc.

Outro grande desafio para os participantes do mercado de fundos imobiliários será escolher os FIIs certos. Isso porque será necessário avaliar e comparar os riscos de cada negócio em relação aos lucros potenciais.

Além disso, os especialistas voltam a falar dela: a paciência. Segundo Araujo, para os investidores que estão de olho no longo prazo, vale a pena incluir fundos imobiliários que estejam descontados na carteira. Isso porque, o cotista tende a colher frutos no futuro – e não apenas nos rendimentos, mas no ganho de capital também.

Contudo, para voltar a ver as cotas subindo na bolsa novamente, os participantes do mercado vão precisar esperar por uma redução na taxa de juros.

Ainda assim, Vieira avalia que, uma das “belezas” dos fundos imobiliários é a combinação de características de renda variável com renda fixa. Dessa forma, enquanto os ativos não apresentam valorização na B3, eles seguem dando retornos recorrentes aos seus acionistas.



“A renda está elevada. Os bons fundos de tijolo estão pagando em média 9% a 10% ao ano livre de imposto de renda, com baixa alavancagem, podendo se valorizar se o mercado virar”, afirma, lembrando que os rendimentos distribuídos pelos FIIs não costumam ser tributados para a pessoa física.

Uma régua mais elevada: os fundos imobiliários de tijolo em 2025

Em geral, os fundos de tijolo são mais afetados pela alta da Selic. Assim, em 2025, a régua para a avaliação dos FIs contará com medidas mais elevadas, segundo Araujo. Isso porque será necessário manter um nível de qualidade interessante: fundos com balanço sólido e com uma previsibilidade de receita interessante.

Os fundos imobiliários desse segmento são divididos em três principais classes: logística, escritórios e shoppings. Confira as estratégias indicadas pelos analistas para cada uma delas:

- **Logística:** na visão do especialista, a classe de logística é destaque entre os FIs de tijolo. O segmento vem sendo sustentado por uma demanda que permanece sólida, especialmente para São Paulo. Além disso, a vacância está em patamares mínimos no Brasil atualmente. Araujo ainda avalia que as cotas da classe já estão consideravelmente descontadas. “Um posicionamento em logística, para tijolos, me parece favorável”, afirma o analista.
- **Escritórios:** os FIs de escritórios sofreram durante a pandemia, quando boa parte das empresas passou a atuar de forma remota. Porém, as previsões de que o home office se tornaria a regra no mundo corporativo não se concretizaram e a necessidade de um escritório físico não foi alterada.

Apesar disso, os escritórios vêm enfrentando, desde a pandemia, uma defasagem em relação à recuperação. Então, a estratégia indicada para a classe é apostar nos portfólios de mais qualidade, que tiveram uma performance melhor.

- **Shoppings centers:** no caso dos FIs de *shoppings centers*, a taxa de vacância é estável e as vendas seguem crescendo, o que deve favorecer a classe em 2025.

Porém, considerando que esse cenário pode mudar com o aumento da taxa básica de juros, é necessário construir uma carteira defensiva. Dessa forma, a indicação, segundo Vieira, é investir em fundos imobiliários de excelente qualidade, voltados para regiões centrais e que serão menos afetados pelo aumento da Selic.

De acordo com o analista da Empiricus, os ativos voltados para as classes A e B na região de São Paulo são interessantes, uma vez que serão os **“últimos a serem atingidos num cenário extremo de desaceleração econômica”**.

Já Dahruj afirma que a Hedge Investimentos vem investindo na região Centro-Oeste, que tem sido beneficiada pelo **agronegócio**. **“A gente percebe uma performance mais forte nesses empreendimentos”**, relata.

Só para sobreviver à alta de juros? Os fundos imobiliários de papéis em 2025

Enquanto os fundos de tijolo sofrem com o ciclo de alta de juros, os fundos imobiliários do segmento de papel tendem a ser beneficiados. Isso porque, em especial os investimentos *high grade*, conseguem repassar o IPCA ou o próprio CDI com uma maior antecedência do que os fundos de tijolos.

Então o segmento se tornou uma estratégia de remuneração durante momentos de turbulências econômicas. Essa tendência deve permanecer em 2025. Isso porque, segundo avaliação de Araujo, um raro cenário vem ocorrendo no segmento.

Segundo o analista, nos últimos cinco anos, tem sido difícil encontrar FII de papel de emissor *high grade* com desconto na cota. Porém, ele destaca que vem observando casos de desconto no preço em relação à cota patrimonial de até dois dígitos, em alguns casos.

Porém até mesmo os FIIs de papéis devem ser observados com cautela, já que a inadimplência das dívidas pode aumentar por conta da alta dos juros.

Assim, da mesma forma que os ativos de tijolo, é necessário apostar em FIIs com crédito de qualidade, com bons locatários e fluxo de recebimento previsível, segundo Araujo.

Além disso, o analista ressalta que, qualquer que seja o investimento, é importante avaliar o que faz sentido para cada perfil de investidor.

Tendência para 2025 e além: ETFs e investidores institucionais

Um dos indicadores de que não é hora de fugir dos fundos imobiliários é o fato de que o segmento vem atraindo a atenção de investidores “mais sofisticados”.

De acordo com Dahruj, esse movimento é puxado pela inclusão de FIIs nos chamados **Exchange Traded Fund (ETFs)**, fundos com cotas negociadas em bolsa que têm o objetivo de replicar o desempenho de índices de mercado, o que os obriga a ter os ativos que compõem o índice na carteira.

O gestor explica que os ETFs vêm atraindo investidores para os FIIs, pois **“uma vez que o fundo entra no índice, há diversos outros fundos lá fora que seguem essa carteira e compram o índice, conforme ele tem as suas movimentações”**.

Na visão do gestor, essa é uma tendência que veio para ficar e deve continuar a ser vista em 2025. **“Os ETFs são um mercado que vem ganhando muita representatividade lá fora, e é impressionante a velocidade que vem sendo adotado no mercado brasileiro também”**, afirma Dahruj, durante o evento Onde Investir 2025.

Já Vieira enxerga que a alta dos juros traz uma oportunidade que não será vista no futuro. Para ele, a tendência para os próximos anos é que o mercado

de fundos imobiliários passe a contar cada vez mais com a presença de investidores institucionais.

Segundo o especialista, o aumento no número de investidores no mercado de FIs possibilitou o desenvolvimento no segmento, que agora “tem profundidade para o investidor institucional entrar também”.

Ele avalia ainda que essa característica deve começar a reduzir as distorções entre o valor real do ativo e o valor da cota do fundo imobiliário. **“Essas oportunidades de adquirir cotas com super desconto em relação à economia real talvez sejam cada vez mais escassas no futuro. Essa é uma das visões que a gente tem para a próxima década”**, afirma o diretor da área de Real Estate do Pátria Investimentos.

AÇÕES E DIVIDENDOS

Essas são as 9 ações favoritas para lucrar na bolsa em 2025 — e outros 5 nomes para garantir dividendos pingando na conta

Para quem estiver disposto a desafiar o pessimismo macroeconômico, há quem veja 2025 como uma janela interessante para aproveitar ativos atraentes; veja as indicações

É comum ouvir na Faria Lima que o cenário de **investimentos** no Brasil degradingolou por completo nos últimos meses. E não é para menos: a **bolsa brasileira** teve o segundo pior desempenho global no ano passado, com o **Ibovespa** superando em queda apenas o mercado mexicano.

Ainda assim, isso não significa que não haja boas oportunidades para investir em **ações** na B3 neste momento. Muito pelo contrário.

Para quem estiver disposto a desafiar o pessimismo macroeconômico, há quem veja 2025 como uma janela interessante para aproveitar ativos atraentes.

A queda do Ibovespa e do índice Small Caps — que reúne ações de menor capitalização — em 2024, aliada à saída de capital estrangeiro, colocou as ações brasileiras em um ponto de partida extremamente atrativo em termos de múltiplos, especialmente quando comparadas a outros mercados emergentes.

Mas será que os *valuations* baixos são suficientes agora? De nada adianta preços baratos, por si só, se não houver sinais de ponto de inflexão no horizonte. Além disso, não é por estar barata que a bolsa não pode ficar ainda mais em conta antes de começar a se recuperar.

É por isso que a pergunta continua a mesma: **quais são as oportunidades em ações domésticas e onde investir na bolsa brasileira até o fim do ano para receber bons retornos e dividendos?** Você confere essas respostas a seguir.

Como estão os fundamentos em ações na bolsa brasileira em 2025?

O pessimismo em torno do mercado de ações brasileiro atingiu um nível tão intenso que criou uma evidente desconexão entre os fundamentos das empresas, que seguem relativamente saudáveis, e o cenário macroeconômico adverso.

Para **Werner Roger**, CIO da **Trígono Capital**, há um certo exagero nesse pessimismo, especialmente quando levamos em conta as imagens do retrovisor.

Ao analisar o EWZ, que é o ETF que representa a bolsa brasileira em dólar, nós estamos próximos dos níveis vistos em momentos críticos para os mercados financeiros brasileiros, como a época do impeachment da Dilma e a pandemia do novo coronavírus.



“Mesmo se voltarmos à crise do Subprime, estamos 35% abaixo dos patamares de 2008. Alguma coisa está errada e fora da curva. Os formadores de preço estão demasiadamente pessimistas, e isso não reflete a realidade do Brasil. Hoje, nós estamos precificando a nossa bolsa a preço de vidro por conta do problema fiscal — e tem vários diamantes sendo precificados como vidro. Existe muita oportunidade para quem realmente garimpar”, afirmou Roger.

Apesar do mau humor generalizado que paira sobre o Ibovespa, há espaço para otimismo com o mercado de ações brasileiro em 2025.



“Nós estamos começando o ano com uma expectativa muito mais baixa, e isso é bom. Iniciamos 2025 com o Ibovespa a 120 mil pontos, negociando a oito vezes [a relação] preço/lucro, excluindo Petrobras e Vale, um prêmio de risco de 4,5% acima do Tesouro IPCA+ de 10 anos, que é a base para formação de preço das ações. Então temos um retorno esperado muito alto”, avaliou Larissa Quaresma, analista da Empiricus Research.

Além disso, um dos fatores que poderiam destravar um rali na bolsa brasileira é técnico. A alocação de investimentos, tanto locais quanto estrangeiros, em renda variável no Brasil está em níveis historicamente baixos. Isso significa que qualquer mudança minimamente positiva no cenário tende a se refletir significativamente no preço de tela dos ativos.

Quais as melhores oportunidades para investir em ações na bolsa em 2025?

É verdade que o consenso de mercado aponta para um ano desafiador, com revisão de lucros para baixo e uma desaceleração econômica que deve impactar principalmente os setores mais sensíveis da economia real, que sentem o efeito combinado dos juros, dólar e inflação mais pressionados.

É por isso que é preciso saber **separar o joio do trigo e encontrar as reais oportunidades em cada setor específico da bolsa.**

Com o custo de capital elevado, o horizonte de investimento encurta, e a prioridade passa a ser alocar recursos em empresas capazes de devolver o caixa da forma mais rápida possível.

A preferência entre os analistas e gestores para 2025 é clara: **empresas com baixa alavancagem**, crescimento sólido de lucros, receita dolarizada e inseridas em setores defensivos da B3, como bancos, seguradoras e exportadoras.



“Se você pagar esse valuation barato hoje, conseguirá travar um retorno muito interessante de longo prazo. Mas há uma diferença entre pagar barato e ser uma armadilha de valor e pagar barato

e criar uma oportunidade real no horizonte dilatado”, disse Quaresma.



“É por isso que é necessário ser mais seletivo com as empresas e também esperar um período maior de tempo para reduzir o risco de perda permanente de capital. Vai ser necessário ter paciência e sangue frio para atravessar esse período, porque o gatilho para a bolsa voltar a andar não está à vista.”

Para **Bruno Lima**, analista do **BTG Pactual**, é preciso priorizar empresas com prazos médios de dívida mais longos. Afinal, o *duration* maior permite que as companhias carreguem os débitos por um bom tempo, até que os juros retornem para um patamar razoável.



“Nos últimos 18 meses, as empresas acessaram o mercado de capitais de forma antecipada e já fizeram um trabalho razoável de refinanciamento e rolamento de dívida. Então, por mais que realmente você tenha alta da Selic e isso realmente consuma uma parte do lucro líquido, uma gama maior de companhias está bem mais preparada para atravessar esse cenário”, explicou.

Além disso, combinações estratégicas entre empresas que oferecem bom retorno de dividendos (*dividend yield*) e potencial de ganho de capital são essenciais para a carteira em 2025. Segundo o BTG Pactual, algumas boas pedidas nesse sentido são o **Itaú Unibanco (ITUB4)**, **Tim (TIMS3)**, **Copel (CPLE6)** e **Eletrobras (ELET3)**.

O lema da Empiricus para investimentos em ações em 2025 é manter empresas com alavancagem baixa ou em clara trajetória de desalavancagem, aumentar a exposição a empresas com receita dolarizada e buscar empresas menos cíclicas. Isso inclui ações como a **Prio (PRIO3)** e a **Suzano (SUZB3)**.

A analista da Empiricus também recomenda como estratégia para ações em 2025 manter uma parcela menor da carteira alocada em empresas cíclicas, com bons fundamentos e motores de crescimento próprios.



“No patamar de valuation atual, a probabilidade é tão favorável para o investidor, e o setor de varejo cíclico está tão barato que vale a pena estar exposto para não perder uma alta, caso aconteça algo positivo.”

Na avaliação de Werner, existe uma oportunidade ainda mais interessante na bolsa brasileira atualmente: as **ações de small caps**, especialmente as que possuem caixa líquido e ganhos atrelados à Selic.

Para ele, as “pequenas notáveis” da bolsa brasileira não só atraem pelo potencial de valorização, como também por estarem fora do radar dos grandes tubarões de mercado.

O gestor destaca ainda as oportunidades promissoras em *small caps* dos setores industrial e de agronegócio, como a **Tupy (TUPY3)**, que combina *valuation* atrativo com tendências de crescimento impulsionadas por iniciativas ESG, como descarbonização e inovação.

A Trígono Capital também tem apetite por ações de *commodities*, com fluxo de caixa “muito forte” e que pagam dividendos, como **Suzano (SUZB3)**, **Aura Minerals (AURA33)** e **PetroReconcavo (RECV3)**.

Não vale a pena investir na Vale (VALE3) e na Petrobras (PETR4)?

Se você está se perguntando por que as duas maiores empresas da B3 ficaram de fora da lista de oportunidades em *commodities*, a resposta é simples: para os analistas, os riscos associados às ações de **Petrobras (PETR4)** e **Vale (VALE3)** superam as chances de ganhos neste momento.

No caso da gigante da mineração, os desafios vêm da economia chinesa em desaceleração e da oferta abundante de minério de ferro, fatores que limitam a recuperação nos preços da commodity metálica.

Além disso, desembolsos previstos para este ano, como os relacionados ao acordo de Mariana e às ferrovias, podem impactar negativamente a distribuição de dividendos da mineradora.

O BTG Pactual destaca que atualmente existem alternativas mais atraentes para quem busca altos *dividend yields*, deixando a Vale (VALE3) em uma posição menos favorável.

Já para a Petrobras (PETR4), a preocupação reside no risco institucional e de governança. A estatal enfrenta incertezas quanto a investimentos futuros, que podem se revelar pouco rentáveis e comprometer a distribuição de proventos no futuro.



“Para 2025, a Petrobras deve continuar sendo uma forte geradora de caixa e pagadora de dividendos, isso é indiscutível. Mas não adianta ganhar no dividendo e perder na marcação de preço da ação a mercado caso aconteça algum evento de cauda do ponto de vista de governança”, afirmou Larissa Quaresma, da Empiricus.

Diante disso, os analistas apontam outras opções que julgam mais interessantes no setor. Um exemplo é a **Prio (PRIO3)**, que promete um rendimento de fluxo de caixa livre (FCF *yield*) estimado em cerca de 90% nos próximos três anos, segundo o BTG Pactual.

Os riscos para a bolsa brasileira em 2025

A questão fiscal continua sendo a principal preocupação dos investidores para o ano. A falta de confiança na capacidade do governo em controlar a trajetória da dívida pública impacta diretamente as chances de uma recuperação consistente na bolsa brasileira.

O problema não é apenas o tamanho da dívida, mas o alto custo para financiá-la. O **Brasil tem uma das taxas de juros reais mais altas do mundo**, rivalizando apenas com a Rússia — um comparativo que dispensa mais explicações.



“Temos sim um fiscal fraco e muitos desafios para equacionar de forma estrutural essa política fiscal. Mas o Brasil não tem um risco de ruptura institucional, que existe no México hoje, por exemplo. Então existe potencial bom para a bolsa neste ano para quem estiver disposto a ignorar esse pessimismo com o Brasil”, disse a analista da Empiricus.

Embora o arcabouço fiscal deva ser cumprido, isso não será suficiente para resolver o grande problema do Brasil, que é a estabilização da trajetória da dívida pública, segundo os analistas.



“O problema não é o cumprimento do arcabouço, mas sim que isso não é suficiente para estabilizar a trajetória da dívida, e o governo não tem uma preocupação em relação a isso”, disse Larissa Quaresma.

Ainda assim, o risco de um cenário extremo em direção ao precipício, em que o governo perde popularidade, a economia se deteriora e as apostas em gastos públicos aumentam, é visto como limitado.

Isso ocorre porque o cenário político dificulta a aprovação de medidas mais ousadas no Congresso, especialmente com o governo enfrentando pressão crescente e uma possível perda de influência com a reforma ministerial prometida para o primeiro semestre — que pode levar a uma menor influência no Senado e no Congresso.

Onde investir na bolsa para receber dividendos polpudos?

Uma das melhores estratégias para enfrentar um cenário desafiador na bolsa em 2025 é focar em empresas que são verdadeiros portos-seguros para o investidor: as grandes “vacas leiteiras” da B3.

Segundo **Ruy Hungria**, analista da **Empiricus Research**, essas companhias se destacam por sua capacidade de gerar caixa, baixo endividamento, múltiplos atrativos e um histórico consistente de pagamento de dividendos aos acionistas mesmo em cenários adversos como o atual.



“Os dividendos servem como um alento nesse período de maior dificuldade para o investidor lembrar que existe um ativo que é capaz de remunerá-lo durante o ano. Assim, ele tem um sentimento positivo no final de cada trimestre ou ano de que valeu a pena carregar esse investimento porque recebeu um bom rendimento por isso”, disse Hungria.

É importante ressaltar que a distribuição de dividendos depende diretamente dos lucros das empresas. Assim, em um ambiente de juros elevados, **caso a lucratividade das companhias seja pressionada**, os proventos também tendem a encolher. 

Ainda assim, Hungria destaca uma seleção de ações resilientes para quem busca consistência nos dividendos aos acionistas no início de 2025:

- **Itaú Unibanco (ITUB4)**: Considerado o melhor banco privado do Brasil, com rentabilidade (ROE) superior à média do setor e um histórico

comprovado de atravessar crises enquanto entrega resultados sólidos e dividendos atraentes.

- **Porto Seguro (PSSA3)**: Beneficiada pela alta da Selic, já que parte de sua receita vem dos prêmios captados pelos segurados, que são aplicados majoritariamente em renda fixa. Ou seja, quanto maiores os juros, maior sua receita financeira.
- **Telefônica Vivo (VIVT3)**: Uma empresa sólida e estável, com crescimento acima da inflação em um setor historicamente difícil. A redução na intensidade dos investimentos deve ampliar a geração de caixa, o que favorece a distribuição de dividendos neste ano e em 2026.
- **B3 (B3SA3)**: Embora os investidores associem as ações a uma correlação com o mercado de ações, a diversificação de receitas reduziu a dependência da empresa pelo apetite por renda variável. Atualmente, a operadora da bolsa negocia a múltiplos historicamente baixos, paga ótimos dividendos e apresenta uma boa relação risco-retorno.
- **Eletrobras (ELET3)**: Após a reestruturação promovida pela privatização, a companhia tem potencial para aumentar significativamente seus dividendos. A perspectiva de um acordo com o governo envolvendo a participação da União e a melhora nos resultados e nos preços da energia reforçam sua atratividade.

Em resumo, há oportunidades em ações, mas há de se ter cuidado, fundamento e apetite a risco para traçar a estratégia em 2025. Ou, como diz a música, canja de galinha não faz mal a ninguém.

CONTEÚDO BTG PACTUAL

OS INVESTIMENTOS MAIS PROMISSORES PARA 2025

Você acabou de conferir os melhores momentos do painel sobre **ações brasileiras** do “Onde Investir em 2025”, com oferecimento do **BTG Pactual**.

E se você gostou das recomendações do **Bruno Henriques**, analista sênior de ações do BTG, aqui vai uma boa notícia. Você pode receber um relatório com **mais indicações de investimentos** dele **DE GRAÇA**.

Isso porque o BTG Pactual divulgou um relatório com os **investimentos mais promissores** para 2025, assinado pela equipe de research mais premiada da América Latina. E esse relatório está disponível para você como **cortesia**.

Para acessar, basta clicar no botão abaixo e preencher o seu cadastro. É fácil, rápido e **totalmente gratuito**. Esperamos que você faça bom proveito desse conteúdo:

GRATUITO: OS INVESTIMENTOS MAIS PROMISSORES PARA 2025, SEGUNDO O BTG



CRIPTOMOEDAS

Bitcoin (BTC) a R\$ 1 milhão? Como Trump pode levar as criptomoedas a nova era de recordes ou frustrar o mercado

Analistas preveem um novo ciclo de valorização em 2025, impulsionado pelo amadurecimento do mercado e pela expectativa de um ambiente regulatório mais favorável; descubra as melhores opções de investimento entre as criptos para este ano

Se 2024 foi um divisor de águas para o mercado de **criptomoedas**, com momentos históricos como [a quebra da barreira dos US\\$ 100 mil pelo bitcoin \(BTC\)](#), 2025 não deve ficar atrás — e o investidor ainda tem tempo de embarcar nessa e aproveitar os bons ventos dos ativos digitais, com cautela e sem exageros.

É o que afirmam **Marcello Cestari**, analista e trader da Empiricus Gestão, e **Fabício Tota**, diretor de Novos Negócios do Mercado Bitcoin, convidados do **Seu Dinheiro** para o programa **Onde Investir 2025** sobre criptomoedas.

Após a aprovação dos primeiros **fundos negociados em bolsa (ETFs) de bitcoin** à vista nos Estados Unidos, o esperado *halving* de abril e a vitória de **Donald Trump** nas eleições norte-americanas, Cestari e Tota enxergam um horizonte de novas máximas históricas, sustentado por um ambiente regulatório mais favorável, além do crescente interesse institucional no mercado cripto.

No evento, os dois especialistas falaram sobre as melhores opções para quem quer ter uma parte da carteira composta por ativos digitais, projetam até onde o preço do bitcoin pode chegar e alertam sobre os riscos no horizonte desse mercado. Você confere tudo a partir de agora.

A tríade das criptos e outras oportunidades para investir em 2025

Com um salto de mais de 126% em 2024, o bitcoin segue como a porta de entrada para o mercado de criptomoedas em 2025. Seja por meio de *exchanges* ou da crescente variedade de ETFs à vista, as opções de exposição ao BTC só aumentam.

A possibilidade de o governo Trump criar uma reserva nacional em bitcoin também reforça as expectativas de novas máximas históricas.



“Não é tarde [para comprar bitcoin]. Ainda estamos no começo [de uma trajetória longa]. É fundamental que uma parcela significativa do portfólio de investidores em cripto esteja alocada em bitcoin. Ele é a base de tudo e concentra a maior parte dos recursos da maioria dos investidores”, diz Tota, do Mercado Bitcoin.

Apesar de ser a porta de entrada, o BTC não está sozinho na preferência dos especialistas quando o assunto é aporte em criptomoedas. **Ethereum (ETH)** e **Solana (SOL)** completam a tríade dos ativos digitais “que o investidor não pode deixar de ter”, segundo Cestari e Tota.

A possível regulamentação do *staking* — mecanismo que funciona como uma espécie de aluguel de criptomoedas — para ETFs de ethereum, juntamente com a esperada aprovação de ETFs de solana, são fatores que mantêm o mercado otimista para este ano.

Além das três principais criptomoedas, o setor de **inteligência artificial (IA)** em conjunto com a **tecnologia blockchain**, surge como uma aposta promissora, com o potencial de ampliar a **eficiência nas finanças descentralizadas (DeFi)**.



“Fora da tríade, um setor que merece a atenção do investidor é o de IA. Estou bastante otimista com o segmento, que só não performou melhor que as memecoins; IA foi o segundo melhor setor do mercado de cripto no ano passado”, diz Cestari, da Empiricus.

Outro caminho de diversificação relevante apontado pelos especialistas no Onde Investir 2025 é a **tokenização de ativos reais**. Essa prática ganhou força em 2024, quando a **BlackRock** lançou um fundo tokenizado, utilizando a rede ethereum, de títulos do Tesouro dos Estados Unidos.

Tota, do Mercado Bitcoin, vê na tokenização de ativos reais um caminho “mais palatável para o investidor institucional, que consegue fazer uma ponte com ativos mais tradicionais e já conhecidos, entendendo riscos e benefícios”.

A modalidade de investimento também é considerada mais eficiente e menos onerosa, além de permitir o fracionamento dos ativos, reduzindo custos e facilitando o acesso de novos investidores.

Bitcoin: o céu é o limite para os preços?

A aposta dos especialistas é de mais um ano de fortes altas para a maior criptomoeda do mundo — com preços **entre US\$ 150 mil e US\$ 200 mil**.



“Eu acho que o bitcoin pode bater na casa dos US\$ 150 mil este ano. Devo revisar a projeção ao longo de 2025, mas olhando para hoje, essa é minha estimativa. Estou bem otimista, e o bull market de 2025 tende a ser parecido com o de 2017 e o de 2021, ainda que tenhamos uma configuração diferente do mercado”, diz Cestari, da Empiricus.

Tota vai na mesma direção. “Eu estou muito otimista e enxergo o bitcoin entre US\$ 150 mil e US\$ 200 mil, mas se fosse para ficar com um número, seria US\$ 170 mil”, diz.



“Vejo um cenário de dólar estressado aqui, podendo se deteriorar e, por isso, não seria surpreendente ver o bitcoin chegar a R\$ 1 milhão no Brasil”, acrescenta o diretor de Novos Negócios do Mercado Bitcoin, para quem.

Diante desse otimismo, os especialistas explicam como o investidor brasileiro deve se posicionar. Ambos discordam da visão mais conservadora e baseada na renda fixa norte-americana e global, que recomenda a alocação de apenas 1% ou 2% em criptomoedas.



“Pensando no investidor brasileiro, sem risco, é possível fazer um CDI no ano, então aloque em cripto o correspondente a um ano de CDI, que hoje equivale a 12%, 13%, 14%”, afirma Tota.



“Se considerarmos que as pessoas têm uma vida de investimento que dura 20, 30 anos, isso representa um ano da vida dela. Se tudo der errado — e não vai dar — ela perdeu apenas um ano em investimentos”, acrescenta o diretor de Novos Negócios do Mercado Bitcoin.

Cestari, que também defende uma posição na casa de 10%, faz uma recomendação importante ao investidor brasileiro: **“Não seja ganancioso demais, realize seus lucros”**.

O que pode dar errado em 2025?

Ainda em dezembro, a reafirmação de Trump sobre a criação de uma reserva estratégica de bitcoin levou a criptomoeda ao **maior valor da história até então, ultrapassando os US\$ 108 mil**. [De lá para cá, os ânimos arrefeceram e 2025 começou mais morno.](#)

Um movimento natural de correção de preços, combinado com a **perspectiva de manutenção dos juros pelo Federal Reserve (Fed) em patamar mais elevado**, assustou investidores — o que desencadeou uma nova onda de liquidações, levando o bitcoin de volta para a faixa dos US\$ 90 mil.

O movimento ajuda a lembrar os investidores de que os riscos ligados aos ativos digitais não podem ser ignorados, especialmente se Trump não demonstrar flexibilidade suficiente para implementar propostas no prazo esperado pelo mercado.



“Podemos ter um governo que vai sofrer muita pressão política e não vai ter tanta flexibilidade quanto estávamos imaginando. Isso vai atrasar o desenvolvimento da regulação dos Estados Unidos, e a indústria não está precificando esse tipo de atraso. Não acho que isso vai acontecer, mas sempre existe esse risco”, diz Cestari, da Empiricus.

Outro ponto de atenção são os projetos que aparentam ser inovadores e ganham tração no mercado, mas que podem desmoronar ao menor sinal de adversidade.

Os especialistas alertam também para a possibilidade, ainda que remota, de **colapso de grandes empresas do setor**. Episódios como os das falências de grandes players — **FTX, Voyager, Celsius e Terra** — mostram que o risco não é inexistente.



“Sempre existe o risco de quebra de um grande player. Se no mercado tradicional existe fraude, a exemplo do que aconteceu

com a Americanas, no mercado cripto pode acontecer o mesmo”, acrescenta Cestari.

Regulamentação do bitcoin e de outras criptomoedas

O cenário das criptomoedas e do próprio bitcoin neste ano é radicalmente diferente daquele em que esses ativos foram concebidos. Criadas inicialmente com a proposta de construir um mercado completamente independente e desvinculado das instituições que contribuíram para a crise financeira de 2008, hoje o setor ganha força justamente com a regulamentação.

Para Tota, esse movimento não é necessariamente negativo, já que ele considera ser impossível atrair investimentos substanciais sem algum grau de regulação.

O diretor de Novos Negócios do Mercado Bitcoin também lembra que um nível adequado de segurança permite que mais pessoas se dediquem ao setor e facilita o acesso de investidores ao mercado em larga escala.

Nesse contexto, os especialistas dizem que o Brasil se destaca por, desde 2022, ter a **Lei 4.178/2022** — o chamado **‘Marco Legal das Criptomoedas’** —, que designou o **Banco Central** como regulador do setor.



“Uma coisa muito acertada no Brasil, e que no mundo tem gerado as melhores soluções, é quando você regula os intermediários e não tenta regular a tecnologia”, afirma o diretor de Novos Negócios do Mercado Bitcoin.

Esse modelo de regulação foca nos intermediários — e não nos detalhes de cada modalidade de investimento e suas tecnologias —, permitindo a inovação, enquanto garante a segurança necessária para o funcionamento do mercado.

“Quando um setor se torna grande o suficiente, ele vai atrair regulamentação inevitavelmente”, acrescenta Tota.

CONTEÚDO EMPIRICUS GESTÃO

ACESSE OS MELHORES CONTEÚDOS SOBRE CRIPTOMOEDAS

Esses foram os melhores momentos do painel sobre investimentos no mercado de **criptomoedas**, com oferecimento da Empiricus Gestão.

E a boa notícia é que você pode continuar tendo acesso aos **melhores insights** de Marcello Cestari, analista e trader de criptoativos na gestora.

Para isso, você só precisa se inscrever nas **newsletters gratuitas** da Empiricus Gestão. Você vai receber, direto na sua caixa de e-mail, **conteúdos exclusivos** da gestora sobre criptomoedas e diversos outros temas relevantes para o seu bolso.

Cadastre-se no botão abaixo e faça bons investimentos:

QUERO RECEBER CONTEÚDOS EXCLUSIVOS DO MERCADO CRIPTO



INVESTIMENTOS INTERNACIONAIS

Sob o efeito Trump — as melhores oportunidades para quem quer ter retorno em dólar e um alerta sobre o mercado lá fora

No evento organizado pelo Seu Dinheiro, especialistas dizem se vale a pena se expor aos EUA na gestão do republicano, se as big techs continuarão brilhando e apontam armadilhas que os brasileiros devem evitar

O megainvestidor **Warren Buffett** provou, mais uma vez, estar certo quando disse: “*Never bet against America*” (Nunca aposte contra os Estados Unidos). As **bolsas norte-americanas** demonstraram uma resiliência impressionante aos juros altos em 2024 — e têm tudo para repetir a dose com **Donald Trump** na Casa Branca.

E isso não é pouca coisa. Para se ter uma ideia, o **S&P 500**, principal índice de **ações** americano, acumulou alta de 23,3% no ano passado, depois de avançar 24,2% em 2023. O ganho em dois anos é o melhor desde o rali desde 1997 e 1998, quando o índice mais amplo da bolsa de Nova York disparou 66%.

O **Nasdaq** e o **Dow Jones** também não fizeram feio em 2024, acumulando altas de 28,7% e de 12,9%, respectivamente.

Ainda que ganhos passados não garantam ganhos futuros, para o investidor que busca lucros em **dólar**, o mantra é: **olhe para os EUA e fuja de China e Europa** – pelo menos por ora.

E quem diz isso são os convidados do **Seu Dinheiro** para o evento **Onde Investir 2025: João Piccioni**, CIO da Empiricus Gestão; **Enzo Pacheco**, analista da Empiricus Research, e **João Julião**, gestor de portfólio da Verde Asset.

No evento, os três especialistas falam sobre as melhores opções para quem quer ter uma parte da carteira exposta a ativos gringos, explicam como fazer isso de forma simples e segura e também ajudam o investidor a não cair em tentações baratas, mas com baixo retorno.

As bolsas dos EUA dão boas-vindas a Trump

Trump nem mesmo chegou à Casa Branca — a posse está agendada para a próxima segunda-feira (20) — e já ajudou a alimentar o apetite do investidor por ativos nos EUA.

As ações subiram acentuadamente por lá após a vitória do republicano nas eleições presidenciais de novembro, com os traders comemorando a perspectiva de impostos mais baixos e uma abordagem regulatória mais flexível na nova gestão.

Esse cenário mais pró-*business* prometido por Trump deve deixar o **mercado ainda mais dinâmico** e propenso a fusões e aquisições, segundo os especialistas — boa notícia para os investidores que querem deixar parte do patrimônio em ações norte-americanas.



“A gente não pode ignorar que as bolsas norte-americanas subiram muito em um cenário de juros altos”, diz Julião, da Verde Asset.

Vale lembrar que a bolsa dos EUA teve dois anos seguidos de alta acima dos 20%, considerando 2023 e 2024, **uma performance que só foi vista três vezes na história**. Esse retorno expressivo foi observado mesmo com os juros rondando os 4,50% ao ano — patamar considerado elevado para uma economia desenvolvida como a norte-americana.



“Mesmo com essas altas, o investidor ainda encontra oportunidades e pode ter um bom retorno em 2025 nas bolsas norte-americanas”, diz Pacheco, da Empiricus Research.

Onde investir nos EUA em 2025: big techs e outras ideias

Os grandes nomes da tecnologia seguem reinando absolutos entre as recomendações dos especialistas convidados do Onde Investir 2025 quando o assunto é ativo promissor no mercado norte-americano — embora não sejam as únicas opções.

E não é sem motivo. As **Magnificent 7** — as Sete Magníficas, como é chamado o grupo de big techs formado por **Alphabet (GOGL34)**, **Amazon (AMZO34)**, **Apple (AAPL34)**, **Meta (MTA34)**, **Microsoft (MSFT34)**, **Nvidia (NVDC34)** e **Tesla (TSLA34)** — tiveram crescimento de 35% do lucro ao ano nos últimos dois anos.

Em comparação, no mesmo período, as outras 493 ações do **S&P 500** viram o lucro avançar até 3% por ano, no máximo.

Segundo Piccioni, da Empiricus Gestão, que se considera bastante otimista com as techs, as companhias do setor estão vendo **“a efetivação dos ganhos de produtividade dos investimentos que foram realizados ao longo dos últimos três, quatro anos.”**



“Eu acho que 2025 vai ser um ano muito poderoso em termos de crescimento”, diz.

Na opinião de Piccioni, as *large caps* — aquelas empresas com maior valor de mercado — terão um **diferencial relevante** nos próximos 12 meses por gerarem muito caixa e conseguirem fazer os investimentos necessários para expandir os negócios.

Entre esses investimentos, vale citar os aportes em infraestrutura para **inteligência artificial (IA)** e de servidores, usando recursos como energia nuclear.

Sob essa perspectiva, não é exagero dizer: **as big techs continuam opções relevantes para a carteira de qualquer investidor brasileiro que queira buscar lucros em dólar.**

No entanto, não são só as gigantes da tecnologia que podem viver um 2025 próspero no mercado norte-americano.



“Essas companhias vão continuar crescendo, mas a expansão vai ser menor, na casa de 15% a 18% por ano. Enquanto isso, as outras 493 empresas voltarão a ter uma alta do lucro na casa de 10% a 12%”, projeta Julião, da Verde Asset.

O gestor destaca o **setor bancário norte-americano** como um dos grandes beneficiários dos juros mais altos nos EUA e também do corte de impostos previsto na gestão de Trump.

Vale pontuar que o Federal Reserve (Fed, o banco central norte-americano) vem cortando os juros, que atualmente estão na faixa entre 4,25% e 4,50% ao ano. No entanto, **[o ciclo de afrouxamento monetário por lá dá sinais de estar chegando ao fim](#)**. Diante das políticas com potencial inflacionário de Trump, já tem banco gringo falando até mesmo em aumento da taxa referencial em 2025.

Com um nível menor de regulamentação, algo também já esperado durante a gestão republicana, os bancos podem se beneficiar do **dinamismo da atividade econômica**, com mais fusões e aquisições.



“O setor bancário é o que a gente está mais focado e enxerga maior potencial de retorno versus o restante do mercado”, diz Julião, da Verde.

Pacheco, da Empiricus Research, relembra que, em 2024, algumas **empresas da economia tradicional** performaram até melhor que as techs. Por isso, **o recomendado para o portfólio neste ano é fazer uma mescla de setores.**

Nesse sentido, ele dá destaque para **energia**, que negocia com *valuation* abaixo da média do mercado.

Somado a isso, o segmento tem retornado mais capital aos investidores via **dividendos** e recompra de ações. “Dá para garimpar algumas oportunidades”, reforça.

China vs. EUA: ter parte da carteira em yuan é uma boa agora?

Se, por um lado, os ativos norte-americanos parecem vislumbrar um 2025 positivo, **o mesmo não parece valer para a segunda maior economia do mundo** — e o investidor brasileiro deve estar atento.

[Enquanto Xi Jinping tenta driblar a crise](#) e fazer com que a **China seja o país mais competitivo do mundo**, Trump sobe o tom contra Pequim usando como arma o aumento de tarifas para conter o avanço dos produtos chineses.



“Não devemos levar Trump ao pé da letra, mas temos que levá-lo a sério [quando o assunto é tarifa]”, diz Julião, da Verde Asset.

Segundo o gestor, o republicano pode não taxar a China em 60% como vem prometendo, mas deve adotar alguma mudança tarifária com relação a Pequim.



“Isso vai atrapalhar o modelo de crescimento chinês que já está sendo desafiado”, afirma.

Para ele, a China está em um “ponto de saturação do modelo de crescimento” expansionista, com **alto gasto fiscal e níveis elevados de dívida**.

Como não há indícios de que o país vá mudar o rumo no curto prazo, Julião acredita que o retorno dos ativos chineses não é significativo neste momento.

Piccioni, da Empiricus Gestão, reforça **cautela em relação à China** mesmo que isso signifique abandonar — ainda que momentaneamente — nomes como **Alibaba** e **Tencent**.

“A gente deixou de lado um pouco as big techs chinesas. São papéis que têm uma dificuldade para ganhar a atenção dos investidores internacionais”, diz.

Europa: pechincha ou cilada?

Na Europa, a **desvalorização do euro em relação ao dólar** e as crises políticas marcaram 2024. Como resultado, as **ações europeias ficaram mais desvalorizadas do que as norte-americanas**. Apesar disso, o preço “baixo” não é motivo para sair comprando.



“O fato de ter um valuation bem menor não significa que é um ativo atrativo: o lucro das empresas norte-americanas está crescendo muito mais do que o lucro das empresas europeias”, diz Pacheco, da Empiricus.

Na visão do analista, os ativos europeus podem receber algum impulso **do corte dos juros** pelos bancos centrais. No entanto, ainda é necessário um estímulo maior para fazer a Europa valer a pena como investimento.

Julião, da Verde Asset, se posiciona de forma parecida. **“Se a gente olhar os últimos dez anos, a produtividade europeia ficou estagnada, enquanto a norte-americana subiu 20%”,** afirma.

Ainda assim, para quem faz questão de ter ativos europeus em carteira, com um bom *stock picking* (seleção de ações) é possível encontrar opções.

O gestor cita a **SAP**, que se beneficia dos avanços em IA; o setor **financeiro**, que aproveita os juros mais altos; e as ações da **Airbus** e da empresa de **semicondutores ASML**.

Apesar de enxergar positivamente a bolsa alemã, Piccioni, da Empiricus Gestão, prefere **ficar de fora da cesta de ativos europeus** por ora.

Como investir no exterior — BDRs não são a única opção

O investidor brasileiro que decidir ter alguma exposição em dólar e ao mercado externo em geral tem agora vantagens consideráveis em relação a alguns anos atrás: é bem mais fácil **abrir uma conta de investimentos no exterior**.

Se antes era necessário falar inglês e ter disposição para enfrentar a burocracia, hoje, o processo é feito em minutos, pela internet mesmo. Mas, ainda assim, é preciso escolher bem o tipo de investimento para ter exposição lá fora.

As três rotas principais para isso incluem a compra dos papéis da empresa por meio de corretoras, **BDRs** (*Brazilian Depositary Receipts*, na sigla em inglês) — como são chamados os recibos da ação de uma empresa gringa na bolsa brasileira — e fundos.

Nessa corrida, no entanto, hoje os BDRs saem perdendo. Segundo os especialistas do Onde Investir em 2025, duas das vantagens do aporte direto no ativo ao invés do investimento no BDR são a **liquidez** e a **pluralidade de opções**.

 **“Eu não acho que o BDR é a melhor opção, até porque tem uma limitação. Você deve ter uns 800 BDRs [na bolsa brasileira]. Lá fora, são de 4 mil a 5 mil ações”**, diz Pacheco, da Empiricus.

Outra alternativa bem vista pelos especialistas são os **fundos de investimento no exterior**, que livram a pessoa física da dor de cabeça de burocracias e tributações e ainda permitem explorar um leque maior de ativos.

 **“Às vezes, a gente se prende às ações, especialmente das Sete Magníficas, mas [via fundos] existe um mar de oportunidades”**, diz Piccioni, da Empiricus Gestão.

CONTEÚDO EMPIRICUS GESTÃO

A EMPIRICUS GESTÃO TE AJUDA A INVESTIR NO SETOR DE TECNOLOGIA

Você conferiu agora os destaques do painel sobre **investimentos internacionais** mais promissores para 2025, com oferecimento da **Empiricus Gestão**.

E se você gostou dos insights trazidos por João Piccioni, CIO com mais de **R\$ 6 bilhões** sob gestão, temos uma boa notícia para você.

A Empiricus Gestão acaba de liberar o acesso a um **guia completo sobre como investir em tecnologia**, a classe de ativos que pode estar entrando em seu melhor ano agora em 2025.

Para fazer o **download gratuito** do guia, clique no botão abaixo:

QUERO BUSCAR LUCROS NO SETOR DE TECNOLOGIA

CRÉDITOS

Reportagem

Camille Lima
Dani Alvarenga
Guilherme Castro Sousa
Maria Eduarda Nogueira
Micaela Santos
Paula Comassetto
Renato Carvalho
Renan Souza
Ricardo Gozzi

Edição

Carolina Gama
Elisa Ribeiro
Julia Wiltgen
Leticia Camargo
Tatiana Vaz

Direção de Jornalismo

Vinícius Pinheiro

Direção-geral

Marina Gazzoni

Design e diagramação

Gabriela Duarte

seudinheiro[®]

ONDE
INVESTIR 2025

